



Mikhail Bakhtin: pensador do riso, da crise e da mudança na teoria dos gêneros do discurso

Mikhail Bakhtin: Thinker of Laugh, Crisis and Change in the Theory of the Speech Genres

Sheila Vieira de Camargo Grillo

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo / Brasil

sheilagrillo@usp.br

<https://orcid.org/0000-0003-0480-2660>

Resumo: O objetivo deste artigo é investigar como os temas do riso, da crise e da mudança orientam a teoria dos gêneros do discurso e, em particular, do gênero romance na obra de Mikhail Bakhtin, tomando como pano de fundo *A poética* de Aristóteles e os *Cursos de estética* (2014[1842]) de Georg Hegel. A pesquisa é de caráter bibliográfico e faz uso do estenograma de defesa de tese, das teses de duas apresentações orais, de cartas, de parte da produção bibliográfica de M. Bakhtin compreendida entre o final dos anos 1920 e 1960 e de obras de comentadores. Descobrimos que M. Bakhtin situa o romance e a representação da palavra nele em um momento de mudanças e crises nas línguas europeias e na vida discursiva dos povos, ao mesmo tempo que esse gênero desestabiliza os sistemas poéticos estabelecidos. A teoria dos gêneros de Bakhtin desenvolve-se em um diálogo tenso entre o passado literário concluso e a contemporaneidade extraliterária e literária em crise e formação.

Palavras-chave: Mikhail Bakhtin; riso, crise e mudança; gêneros do discurso.

Abstract: The aim of this article is to investigate how the themes of laugh, crisis and change guide the theory of speech genres and, in particular, of the novel genre in Mikhail Bakhtin's work, taking as a background Aristotle's *Poetics* and Hegel's *Courses in Aesthetics* (2014[1842]). The research is bibliographical and makes use of a thesis defense stenogram, two oral presentation theses, letters, part of M. Bakhtin's works produced between the late 1920s and 1960s and works by commentators. We discovered that M. Bakhtin situates the novel and the representation of the word in it at a time of changes and crises in European languages and in the discursive life of peoples,

at the same time that this genre destabilizes established poetic systems. Bakhtin's theory of genres develops in a tense dialogue between the finished literary past and the extraliterary and literary contemporaneity in crisis and formation.

Keywords: Mikhail Bakhtin; laugh, crisis and change; speech genres.

Submetido em 29 de janeiro de 2022.

Aceito em 28 de fevereiro de 2022.

1 Introdução

O tema “Mikhail Bakhtin: pensador da crise e da mudança” surgiu, para mim, a partir das leituras para a escrita do ensaio introdutório e do trabalho de tradução (atualmente em curso)¹ da obra *A criação de François Rabelais e a cultura popular na Idade Média e no Renascimento* (1965). Nesse processo, deparei-me com dois fatos orientadores da abordagem proposta neste artigo.

Primeiro, a seguinte declaração de Bakhtin no estenograma de sua defesa: “Rabelais, em princípio, quando eu comecei com esse trabalho, não foi para mim o objetivo principal. Eu trabalhava durante muitos anos na teoria e na história do romance.”² (BAKHTIN, 2008, p. 1018, tradução minha), ou seja, M. Bakhtin declara a conexão entre a teoria do romance e a pesquisa sobre Rabelais. Nessa direção, a teoria do romance foi tema das seguintes apresentações de M. Bakhtin no grupo de teoria da literatura, dirigido pelo acadêmico Leonid Timofêiev, no Instituto da Literatura Mundial Maksím Górkí (doravante IMLI-Moscou), no início dos anos 1940, instituição em que ele defendeu a tese sobre a obra de François Rabelais em 1946:

1) Em 14 de outubro de 1940, M. Bakhtin proferiu a conferência “A palavra no romance (rumo a questões de estilística do romance)”. Parte dessa

¹ A atual tradução para o português foi feita a partir do francês, o que motivou a realização de outra diretamente do original russo.

² Рабле первоначально, когда я приступил к этой работе, не был для меня самоцелью. Я работаю в течение очень многих лет над, теорией, историей романа.

apresentação foi publicada com o título “Sobre a pré-história do discurso romanesco” [Из предыстории романного слова³] (BAKHTIN, 2012a);

2) Em 24 de março de 1941, M. Bakhtin apresentou-se no IMLI-Moscú, pela segunda vez, com o tema “O romance como gênero literário” [Роман как литературный жанр] e depois publicado com o título “Epos e romance” [Эпос и роман] (PANKOV, 2010, p. 96).

Sobre a segunda apresentação, Pankóv (2010) destaca, entre outros, o papel do riso na renovação do gênero, apontando a relação entre a teoria do romance e o livro sobre Rabelais (BAKHTIN, 2012e), bem como dois aspectos da teoria bakhtiniana que nos interessam: primeiro, a abordagem histórica entendida como a orientação dos gêneros; segundo, o estabelecimento da diferença entre epos, como poesia do passado e ocorrido, e romance, como zona de contato com a contemporaneidade em processo. Essas duas apresentações, que geraram dois artigos, concluem, segundo bem apontou Bezerra (2019), o conjunto da teoria bakhtiniana sobre o romance como gênero literário específico.

Segundo, em cartas trocadas entre Mikhail Bakhtin e Vadím Kójinov entre 1960 e 1966, deparamo-nos com a informação de que, paralelamente ao processo de publicação do trabalho sobre F. Rabelais, M. Bakhtin intentava escrever um livro sobre os gêneros do discurso. Citaremos apenas a última carta trocada entre M. Bakhtin e V. Kójinov, de 18/11/1966, presente no livro de Pankóv, que contém o seguinte parágrafo: “pretendo finalizar os gêneros do discurso. O trabalho sobre eles avança de modo muito lento, pois sempre desvio para outras direções. De um modo ou de outro, eu o finalizarei.” (PANKOV, 2010, p. 619)⁴. Pelas cartas percebemos que, apesar de o livro pretendido não ter chegado a termo, o projeto estava no horizonte de Bakhtin durante boa parte dos anos 1960.

³ O termo utilizado por Bakhtin é “slovo”, o mesmo empregado nos seguintes trabalhos: no último capítulo de “Problemas da poética de Dostoiévski” (“O discurso em Dostoiévski”, em que também poderia ser traduzido por “palavra” ou “linguagem verbal”); no artigo de V. Volóchinov “A palavra na vida e a palavra na poesia” (2019[1926]); e no segundo capítulo (A palavra da praça no romance de Rabelais) de “A criação de François Rabelais e a cultura popular na Idade Média e no Renascimento” (1965). Em todos esses casos, trata-se da linguagem verbal em uso, em enunciados orais ou escritos de um determinado gênero, proferida por um autor em uma situação sócio-histórica.

⁴ Я надеюсь закончить «жанры речи». Работа над ними идёт, но довольно медленно, так как я часто отвлекаюсь в разных других направлениях. Но так или иначе я её закончу.

Com base nessas duas informações, o objetivo deste artigo é: investigar como os temas do riso, da crise e da mudança orientam a teoria dos gêneros do discurso e, em particular, do gênero romance na obra de Mikhail Bakhtin, tomando como pano de fundo *A poética* de Aristóteles e os *Cursos de estética* (2014[1842]) de Georg Hegel. A abordagem destes dois autores justifica-se pelo fato de serem citados pelo próprio Bakhtin como interlocutores de seu trabalho e também por serem considerados, por pesquisadores russos como Tamártchenko (2003), fontes da obra bakhtiniana.

2 A estilística do romance

Em sua primeira apresentação, Bakhtin, ao citar títulos de obras sobretudo de teóricos alemães sobre o romance, afirma que, nas análises desse gênero até então, estavam ausentes dois aspectos interligados: a consideração do romance como gênero autônomo e a especificidade da palavra⁵ nele. Ao unir esses dois aspectos, Bakhtin propõe, por meio da análise do romance em versos de Púchkin *Eugênio Onêguin* (2019[1825-1832]), que o estilo do romance define-se pela representação da palavra alheia no sistema do discurso autoral, no qual ganha entonações paródicas, irônicas, polêmicas. Em outros termos, a palavra alheia é o principal objeto de representação no romance, no qual se torna bivocal, pois nela percebemos simultaneamente o estilo e a visão de mundo alheios parodiados, estilizados, polemizados ou ironizados pela palavra e visão de mundo autoral: o autor do romance entra em relações dialógicas com a linguagem-visão de mundo dos personagens e de outros gêneros. E aqui nos encontramos com o tema deste artigo: Bakhtin defende que essa dialogização de estilos e linguagens operada no romance, sob a influência do riso popular e do multilinguismo, ou seja, “*A tridimensionalidade estilística do romance, vinculada à consciência plurilinguística que nele se realiza*” (2019, p. 75), renova e mostra a linguagem literária em um processo de formação. Nas teses dessa apresentação, Bakhtin conclui que a palavra no romance nasce e “está ligada com grandes mudanças e crises nos destinos das línguas europeias e da vida discursiva dos povos”. (BAKHTIN, 2012 b, p. 553)⁶

⁵ Em “Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem” (VOLÓCHINOV, (2021[1929]), “slovo” significa signo ideológico verbal, e em Bakhtin, algo como linguagem verbal, discurso verbal, língua.

⁶ (...) связано с большими сдвигами и кризисами в судьбах европейских языков и речевой жизни народов.

Um segundo aspecto dessa “apresentação-texto”, que antecipa o tema de sua segunda fala, é a caracterização das condições históricas e culturais da vida dos helenos que proporcionaram o surgimento, por um lado, do epos, da lírica e da tragédia, e, por outro, do que viria a ser o romance:

Do seio desse monolinguismo confiante e indiscutível nasceram os grandes gêneros diretos dos helenos: epos, lírica e tragédia. Contudo, ao lado deles, sobretudo nas camadas populares inferiores, floresceu uma criação paródica-travestizante, que conservou a memória dos antigos embates linguísticos e que foi permanentemente nutrida pelo processo em curso da estratificação e diferenciação linguísticas. (BAKHTIN, 2012b, p. 537)⁷

Sempre segundo Bakhtin, embora o romance grego tenha incorporado uma multiplicidade de gêneros (diálogos, peças líricas, cartas, descrições de países e cidades, novelas etc.), ele não conseguiu expressar a consciência plurilinguística dessa criação paródica-travestizante. No entanto, o romance europeu a partir do século XVII formou-se nas fronteiras entre as tendências linguísticas centralizadoras e as tendências renovadoras oriundas do heterodiscurso extraliterário que apontam para os desdobramentos futuros da língua. O riso medieval e o plurilinguismo característico do surgimento das línguas europeias modernas prepararam o romance da Idade Moderna.

3 Riso, crise e mudança na teoria do romance nos anos 1930 e 1940

Em 24 de março de 1941, M. Bakhtin apresentou-se no IMLI-Moscú pela segunda vez com o tema “O romance como gênero literário” [Роман как литературный жанр] e depois publicado com o título “Epos e romance” [Эпос и роман]. Uma síntese dessa apresentação na forma de quatro “teses” foi publicada em *M. M. Bakhtin: obras reunidas vol. 3. A teoria do romance (1930-1961)* (BAKHTIN, 2012), e as resumimos a seguir:

⁷ Из лона этого уверенного и бесспорного одноязычия родились великие прямые жанры эллинов – их эпос, лирика и трагедия. Они выражали централизующие тенденции языка. Но рядом с ними, особенно в народных низах, процветало пародийно-травестирующее творчество, сохранявшее память древней языковой борьбы и питаемое постоянно происходящими процессами языкового расслоения и дифференциации.

1. O romance é o único gênero da literatura europeia que ainda não está pronto e está em processo de formação, traço que exige métodos específicos de análise;

2. O romance exerce influência nos demais gêneros literários (poemas, dramas, lírica) sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII;

3. O romance é o gênero mais consequente e radical de expressão das tendências realistas na literatura: seu objeto de representação é a realidade contemporânea, em contraste com a categoria do “passado absoluto” da epopeia, e sua fonte tornou-se a experiência pessoal;

4. O romance determinou uma renovação essencial na imagem do ser humano na literatura. O acabamento e a consciência expressa na língua (овнешненность) do ser humano, característicos sobretudo do epos e da tragédia, são substituídos pela inadequação do ser humano consigo próprio, isto é, com seu destino e situação. O objeto de representação do romance torna-se a subjetividade do ser humano;

5. As peculiaridades da composição, de enredo e do estilo do romance são tendências (e não traços rígidos) de sua formação, que apontam para tendências gerais de desenvolvimento de toda a literatura.

A transcrição de parte da discussão da apresentação, sintetizada nas teses acima resumidas, também encontra-se em *M. M. Bakhtin: obras reunidas vol. 3. A teoria do romance (1930-1961)* (BAKHTIN, 2012). A transcrição começa com a questão de Leonid Timofêiev sobre o que M. Bakhtin entendia por “gênero”, ao que Bakhtin responde: “o gênero é uma norma, mas que determina a forma, a estrutura do todo da obra literária.” (BAKHTIN, 2012, p. 646)⁸. Em seguida, M. Bakhtin afirma que, primeiramente, é necessária uma estilística composicional, mas que esta não foi desenvolvida em razão de a linguística ter se detido no estudo do período composto, para depois definir o gênero do ponto de vista linguístico, como forma do todo do enunciado e como especificidade literária⁹. Diante M. Bakhtin toma novamente a linguística e seu objeto de estudo como exemplo para falar do romance:

⁸ Жанр – это норма, но определяющая форму, структуру целого литературного произведения.

⁹ As posições de M. Bakhtin sobre a linguística e sobre unidades superiores à frase aqui lembram bastante as de V. Volóchinov (2021[1929]) no início da terceira parte de

Darei um exemplo interessante da nossa linguística. Imagine que aos nossos olhos forma-se a língua, e não encontramos uma língua formada. Se fosse assim, eu não saberia em qual língua falar com vocês, nossa língua atual seria outra por completo. Felizmente, isso não acontece conosco. Não podemos imaginar a evolução da língua em seu desenvolvimento absoluto atual. A língua é como um deus presente, e aqui o gênero romance é seu tipo de forma. E eis que enquanto vemos todos os outros gêneros prontos, o romance está em formação, e é nisso que está seu valor excepcional como objeto de estudo (BAKHTIN, 2012, p. 648)¹⁰

M. Bakhtin faz a aproximação entre, por um lado, a língua constituída e a língua em eterna formação, e, por outro, os gêneros literários já prontos e o romance, um gênero em formação. Adiante Bakhtin afirma que, assim como o nascimento da linguagem seria um tesouro para a linguística, o romance é um tesouro para os teóricos dos gêneros.

Bakhtin declara que sua abordagem fundamenta-se não em uma teoria do gênero, mas em uma filosofia do gênero. Enquanto a epopeia, que tem em Homero seu melhor representante, é uma conclusão [завершённость] ou acabamento de uma realidade passada primordial, o romance tem relação com a realidade inconclusa [незавершённость]. M. Bakhtin enfatiza que não se trata de juízo de valor e que não há obra que tenha lhe dado mais prazer do que a epopeia homérica. O romance é a epopeia do futuro e está ligado à atualidade [злободневность].

O último aspecto importante dessa discussão é a posição de M. Bakhtin de que o romance tem suas raízes cômicas¹¹ no folclore.

“Marxismo e filosofia da Linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem” a respeito do fato de a linguística da época não dar conta do todo discursivo, do enunciado, e de suas unidade constitutivas, por exemplo, do parágrafo.

¹⁰ Я возьму интересный пример из нашей лингвистики. Представьте себе, что на наших глазах складывается язык, мы не находим становящегося языка. Если бы это было так, то я не знаю, на каком же языке мы с вами говорили бы, наш сегодняшний язык был бы совершенно другой. У нас, к счастью, этого нет. Мы не можем себе представить становление языка при полном развитии исторического дня. Язык – богом данный, а тут романский жанр, это своего рода форма. И вот в то время как все другие жанры мы видим готовыми, роман как раз становится, и в этом исключительная ценность его как объекта изучения.

¹¹ M. Bakhtin utiliza o adjetivo «смеховые», que ao pé da letra significa “do riso”.

4 O romance como gênero literário

O texto que embasa a apresentação e o debate acima abordados foi traduzido para o português primeiramente em “Questões de literatura e estética. A teoria do romance” (1993) e, recentemente, em “Teoria do romance III: o romance como gênero literário” (2019).

Os conceitos desenvolvidos nesse trabalho apontam os fundamentos filosóficos, literários e linguísticos que orientam o conjunto dos escritos de M. Bakhtin, a começar por “Problemas da obra de Dostoiévski” nos anos 1920, passando pela teoria do romance e pela pesquisa da obra de François Rabelais nos anos 1930 e os textos sobre os gêneros do discurso dos anos 1950 e 1960. Trata-se aqui de um recorte metodológico que se fez necessário para abordarmos de modo relativamente embasado o tema deste artigo, ou seja, não queremos dizer que os textos filosóficos e de teoria da literatura do início dos anos 1920 não façam parte desse grande projeto, mas que o seu tratamento necessitará de uma pesquisa cuidadosa subsequente.

Em “O romance como gênero literário”, M. Bakhtin defende que o ponto de partida do romance é a contemporaneidade em sua inconclusibilidade [*настоящее в его незаверщённости*], ou seja, a perspectiva orientadora do romance, a contemporaneidade é por definição não finalizada, está em um processo aberto, aponta para o futuro. Com isso, altera-se o “modelo temporal do mundo: ele se torna um mundo, onde a primeira palavra (o início ideal) não existe e a última ainda não foi dita.”¹² (BAKHTIN, 2012, p. 633). Todos os objetos e fenômenos de representação literária perdem a sua conclusibilidade, seus sentidos e significações renovam-se e ampliam-se em razão do desdobramento de novos contextos. Autor e leitores participam dos mesmos acontecimentos da vida, que são representados no romance, o que cria uma zona de contato do objeto representado com a realidade contemporânea inconclusa.

A contemporaneidade inconclusa já havia orientado a abordagem do romance de Dostoiévski em 1929. Em “Problemas da obra de Dostoiévski” (1929), M. Bakhtin defende que, no mundo de Dostoiévski, não há conclusibilidade, o que se manifesta em vários planos de sua obra: na transferência da definição concludente (1929, p. 56) do autor

¹² Временная модель мира: он становится миром, где первого слова (идеального начала) нет, а последнее ещё не сказано.

para a auto-consciência inconclusa dos personagens (1929, p. 59); na ausência de uma palavra conclusiva do personagem sobre si mesmo; na ausência de definições conclusivas sobre o personagem pelo autor (1929, p. 63, 170, 171); na fusão da palavra do personagem sobre si próprio com sua palavra ideológica sobre o mundo, o que eleva em muito a intencionalidade direta do auto-enunciado, fortalecendo sua resistência interna contra toda conclusibilidade exterior (1929, p. 74); no caráter não fechado e inconclusivo do próprio autor (1929, p. 82); na criação de uma imagem não conclusiva e não fechada da pessoa como ser no mundo (p. 89); no caráter não conclusivo do enredo (1929, p. 100); no fato de que o narrador não possui uma perspectiva necessária para abarcar de modo artisticamente conclusivo uma imagem do personagem e de seus atos (1929, p. 169); na inconclusibilidade e infinitude (*beskoniétnost*, 1929, p. 217, 219) dos diálogos exteriores e interiores (1929, p. 177, 212, 216, 219); no estilo da palavra do personagem sobre si que é alheio à conclusibilidade (1929, p. 184). Segundo Bakhtin, Dostoiévski utiliza a autoconsciência e o autoenunciado dos personagens como princípios de sua construção, atribuindo-lhes um caráter inconclusivo (1929, p. 63). Na vida, as pessoas se caracterizam por uma inconclusibilidade ética que se transforma no princípio da inconclusibilidade ou inacabamento artístico-formal (1929, p. 68) de construção dos personagens em Dostoiévski.

Ao construir-se na zona de contato com os acontecimentos inconclusos da contemporaneidade, o romance ultrapassa as fronteiras da especificidade artístico-literária e relaciona-se com gêneros extraliterários: cotidianos e ideológicos. Em seu desenvolvimento, o romance utilizou-se amplamente de cartas, confissões, diários, formas e métodos da retórica dos tribunais etc. A ruptura das fronteiras entre o literário e o extraliterário é outro aspecto que faz do romance um gênero em formação.

As mudanças da orientação temporal e da zona de construção de imagens no romance, ou seja, “a mudança radical das *coordenadas temporais* da imagem literária no romance” (BAKHTIN, 2019, p. 75), manifestam-se ainda numa reconstrução da imagem do ser humano no romance e na literatura. Nessa mudança as fontes folclóricas, populares e do riso no romance romperam com a distância épica e, desse modo, o ser humano cessou de coincidir consigo próprio, o personagem torna-se inadequado com seu destino e posição social (funcionário público, proprietário de terras, comerciante, pai etc.), há sempre um excedente de humanidade que escapa dessas posições, há sempre potencialidades não

realizadas. Outro aspecto é a não coincidência entre o interior e o exterior do ser humano, o ser humano para si mesmo e aos olhos dos outros, o que resulta que o objeto de representação torna-se a subjetividade do ser humano. Por fim, o ser humano adquire no romance iniciativa ideológica e linguística, isto é, os personagens do romance são ideólogos. Todos esses traços estavam presentes na caracterização feita por Bakhtin do romance polifônico de Dostoiévski, conforme expusemos acima.

Para Bakhtin, as mudanças decorrentes do desenvolvimento do romance provocaram uma nova orientação nos demais gêneros literários, que passaram por um processo de romanização sob a influência da zona de contato com a realidade contemporânea inacabada. Não se trata, contudo, da criação de um novo cânone, pois o romance permanece fora do cânone, sua natureza é não canônica e plástica.

5 A filosofia dos gêneros: o diálogo com Aristóteles e Hegel

Ao avaliar a filosofia dos gêneros de Hegel, Bakhtin conclui que ela é insuficiente em razão de seu idealismo, bem como da limitação e do envelhecimento de seu material histórico, muito embora o autor russo admita que a teoria de Hegel sobre os gêneros é um dos enunciados que reflete a “luta do romance com outros gêneros e consigo próprio” (Bakhtin, 2012, p. 614)¹³, pois o romance caracteriza-se pela natureza em formação, em transformação e educada pela vida dos seus personagens em sua relação estreita com a contemporaneidade.

Dessa relação estreita com a contemporaneidade decorre, como exposto acima, a ruptura das fronteiras entre o literário e o extraliterário. Diferentemente, Hegel, ao abordar a subjetividade poetizadora, postula que a poesia:

(...) permanece num elemento no qual são ativas também a consciência religiosa, científica, e outras consciências prosaicas, e deve se proteger então de se aproximar daqueles âmbitos e de seus modos de concepção ou de se misturar com eles. Semelhante estar reunido ocorre certamente no que se refere a cada arte, já que toda a produção artística deriva do espírito único, que abarca em si mesmo todas as esferas da vida autoconsciente; nas artes restantes, todavia, diferencia-se a espécie inteira da concepção, pois ela permanece em seu criar interior já em relação constante com a

¹³ (...) борьбу романа с другими жанрами и самим собою (...).

execução de suas imagens em um material sensível determinado, desde sempre tanto das formas da representação religiosa quanto do pensamento científico e do entendimento prosaico. A poesia, ao contrário, serve-se também no que se refere à comunicação exterior do mesmo meio que estes âmbitos restantes, a saber, da linguagem, com a qual não se encontra, portanto, tal como a artes plásticas e a música, em um outro solo do representar e da exteriorização. (HEGEL, 2014b[1842], p. 47)

Ao diferenciar a atividade subjetiva na poesia e em outras artes (plásticas, música, arquitetura etc.), Hegel, por um lado, reconhece a proximidade espiritual entre a poesia e as formas prosaicas, e, por outro, postula a necessidade de a poesia se distanciar, manter sua autonomia, proteger-se dessas formas. Segundo Hegel, esse distanciamento deve ocorrer ainda na expressão linguística: “um povo já possui uma linguagem prosaica destacada da vida comum, e a expressão poética deve, a fim de despertar interesse, se distanciar daquela linguagem comum e ser elevada para algo de novo e ser realizada com plenitude de espírito.” (HEGEL, 2014b[1842], p. 58)¹⁴. Diferentemente de Hegel, Bakhtin - e também Medviédev (2012[1928])¹⁵ e Volóchinov (2021[1929]) – localizam as esferas não só no interior da vida autoconsciente, mas no exterior da atividade humana, da comunicação discursiva, da utilização da língua, da criação ideológica, e concebem o literário e em especial o romance em relação estreita com essas esferas e seus gêneros, estes refratados e intercalados na prosa literária.

Ao definir a poesia épica, Hegel a entende como “uma intuição total de todo o espírito do povo” (HEGEL, 2014b[1842], p. 92) cantada por um indivíduo singular e livre, que retrocede diante do seu objeto (conteúdo ou mundo épico) e “deve desaparecer no mesmo” (HEGEL,

¹⁴ A meu ver, essa proposta de Hegel foi retomada e desenvolvida no projeto dos formalistas de especificar a linguagem poética, entendida como alteração planejada em contraposição à natureza circunstancial da linguagem cotidiana. Após essa leitura de Hegel, encontramos no texto de Tamártchenko (2003, p. 49) sobre Hegel: “Hegel de modo surpreendente revela-se um predecessor do formalismo russo” [Гегель неожиданно оказывается предшественником русского формализма]

¹⁵ Medviédev (2012[1928], p. 60), concebe a literatura como o que chamamos de um reflexo e uma refração em grau segundo, isto é, “a literatura, em seu conteúdo, reflete e refrata as reflexões e as refrações de outras esferas ideológicas (ética, cognitiva, doutrinas políticas, e assim por diante), ou seja, a literatura reflete, em seu “conteúdo”, a totalidade desse horizonte ideológico, do qual ela é uma parte”.

2014b[1842], p. 95), a respeito dos primeiros períodos da vida nacional, quando ainda ocorre a “unidade imediata do sentimento e da ação, entre os fins interiores que se executam conseqüentemente e eventos exteriores – uma unidade” (HEGEL, 2014b [1842], p. 93). Já o romance é definido por Hegel como “a moderna epopeia burguesa” (HEGEL, 2014b [1842], p. 137), em que ocorre:

1) a colisão entre “a poesia do coração e a prosa oposta das relações, bem como a contingência de circunstâncias externas” (HEGEL, 2014b [1842], p. 138);

2) “de um lado, os caracteres que se impulsionam inicialmente contra a ordem de mundo comum aprendem a reconhecer o autêntico e substancial nela, se reconciliam com suas relações e penetram ativamente nas mesmas, de outro lado, eliminam a forma prosaica naquilo que operam e realizam e, desse modo, colocam no lugar da prosa que se encontra diante deles uma efetividade aparentada e amiga da beleza e da arte.” (HEGEL, 2014b [1842], p. 138);

3) “No que se refere à exposição (...) exige a totalidade de uma intuição de mundo e de vida, cuja matéria e conteúdo multifacetados surgem no interior do mundo individual, que fornece o ponto central para o todo” (HEGEL, 2014b [1842], p. 138);

4) O poeta deve ter um espaço de atuação maior sem prender-se à prosa da vida efetiva, ao prosaico e ao cotidiano.

Tamartchenko (2003) identifica três aspectos de contraste entre as poéticas de Hegel e de Bakhtin: primeiro, Georg Hegel vê o romance como um tipo de epos, já Mikhail Bakhtin identifica apenas a epopeia ao epos e contrapõe epos e romance; segundo, Hegel postula uma “filosofia da criação artística” como uma estética da imagem que pode se encarnar em qualquer material, e Bakhtin propõe uma “estética da criação verbal” como filosofia da palavra, da língua e do enunciado, ou seja, a linguagem verbal tem um protagonismo na estética de Bakhtin, enquanto na estética de Hegel a linguagem verbal em particular é concebida como “mero signo exterior da comunicação” (HEGEL, 2014b [1842], p. 15) ou “língua apenas como meio” (HEGEL, 2014b [1842], p. 16), e ainda, no conteúdo da arte romântica “a subjetividade infinita em si mesma é e deve permanecer incompatível para si mesma com a matéria exterior” (HEGEL, 2014a [1842], p. 310); terceiro, ambos centram-se na obra artística como fato fundamental da arte, porém Hegel aborda a obra ideal

para, em seguida, tomar as obras particulares como realizações adequadas ou inadequadas desse ideal de acordo com os pressupostos filosóficos gerais, já Bakhtin faz o caminho inverso, parte das obras concretas para chegar ao mundo da visão estética.

Em relação ao primeiro aspecto, Bakhtin concebe que o romance aborda o aqui e o agora em seu movimento inconcluso, portanto, não pode chegar a uma intuição total, e sua fonte é a experiência pessoal, em que a consciência humana e seu destino e situação não coincidem, o ser humano vive o conflito de sentir-se inadequado consigo próprio. Parece-me que, aqui, Bakhtin opera uma releitura da tese de Hegel sobre o objetivo da arte: expor a “contraposição reconciliada” (HEGEL, 2015 [1842], p. 174) entre a “universalidade espiritual” e a “singularidade sensível” (HEGEL, 2015 [1842], p. 70), entre o “que é *em si e para si* do que é realidade exterior e existência” (HEGEL, 2015 [1842], p. 72), entre “a liberdade interior e a necessidade da natureza exterior” (HEGEL, 2015 [1842], p. 72)¹⁶, entre “o pensamento subjetivo e a existência objetiva e a experiência” (HEGEL, 2015 [1842], p. 72). M. Bakhtin acrescenta, a esse conflito definidor da arte em Hegel, a não coincidência do ser humano consigo próprio. Por exemplo, ao analisar a palavra monológica das personagens nas novelas e romances de Dostoiévski, Bakhtin observa a decomposição da subjetividade interna estável, como nesta passagem a respeito das novelas “Memórias do subsolo” e de “O duplo”:

O homem do subsolo conduz consigo o mesmo diálogo sem saída que ele conduz com o outro. Ele não pode fundir-se integralmente

¹⁶ Adiante, Hegel postula que a arte surge da impossibilidade de o espírito de “reencontrar a visão e o gozo imediatos de sua verdadeira liberdade também na finitude da existência, no caráter limitado e na necessidade exterior dela” (2015[1842], p. 163), surgindo a necessidade de o espírito realizar sua liberdade em um terreno superior: a arte. Ainda um pouco à frente, Hegel (2015[1842], p. 167) fala que a arte afasta da existência tudo o que nela está “contaminado pela contingência e exterioridade”, a fim de atingir o verdadeiro conceito e produzir o ideal. Embora não sejam centrais na teoria, duas ideias dos “Cursos de Estética” de Hegel parecem antecipar propostas do Círculo: primeira, a consideração do interlocutor presumido, “toda obra de arte é um diálogo com alguém que está diante dela” (2015[1842], p. 266); segunda, a relação entre estilo e gênero, “O estilo refere-se então a um modo de exposição que igualmente segue as condições de seu material, ao corresponder completamente às exigências de determinados gêneros artísticos e às leis decorrentes do conceito da coisa” (2015[1842], p. 294).

consigo em uma única voz monológica e deixar a voz alheia inteiramente fora de si (seja qual ela for, sem evasivas), pois, assim como acontece com Golyádkin, sua voz também deve exercer a função de substituir o outro. Ele não pode entrar em acordo consigo, nem concluir sua conversa consigo. (BAKHTIN, 1929, p. 184)¹⁷

Apesar de todos os conflitos e contradições, o ser humano em Hegel ainda preserva um centro estável em luta com a exterioridade, mas, em F. Dostoiévski e M. Bakhtin, o ser interior também está em conflito consigo próprio.

Conforme acima exposto, o romance, para Bakhtin, é um gênero que ainda não está pronto e encontra-se em processo de formação (становящийся жанр), em contraste com os gêneros epopeia e tragédia, prontos, parcialmente mortos e dotados de uma ossatura pouco flexível. O romance nunca entrou nos tratados de poética gregos, latinos e até franceses que propunham uma poética una, orgânica e harmônica entre os gêneros literários. Desses tratados, Bakhtin considera que a “Poética” de Aristóteles permanece como um fundamento inabalável desses gêneros literários concluídos, prontos, já formados. Parece-nos relevante destacar dois pontos do diálogo entre a teoria do romance de M. Bakhtin e a “Poética” de Aristóteles:

1) Enquanto Aristóteles menciona os diálogos socráticos entre os gêneros que “não recebeu um nome” (2005, p. 19) ou “inonimados” (2008, p. 104) e, portanto, excluídos da poética, Bakhtin os considera em sua proximidade com a linguagem da fala popular, seu sistema complexo de dialetos e estilos, a heroização na prosa de Sócrates, a ironia e o riso de Sócrates que tudo rebaixa e renova, sua pesquisa livre do mundo, do homem e do pensamento humano; esses diálogos são ainda um documento que reflete o nascimento tanto do conceito científico, quanto da nova imagem artística do romance. Em “Problemas da poética de Dostoiévski”, a propósito do “diálogo socrático”, M. Bakhtin afirma que seu “fundamento carnavalesco não suscita qualquer dúvida” (2010, p. 151), que nele

¹⁷ Человек из подполья ведёт такой же безысходный диалог с самим собой, какой он ведёт и с другим. Он не может до конца слиться с самим собою в единый монологический голос, всецело оставит чужой голос вне себя (каков бы он ни был, без лазейки), ибо, как и у Голядкина, его голос должен также нести функцию замещения другого. Договориться с собой он не может, но и кончить говорить с собою тоже не может.

descobriu-se “a natureza dialógica da verdade e do pensamento” (2010, p. 151), que seus personagens são “ideólogos” (2010, p. 126), e que era um gênero sincrético (2010, p. 127). Todos esses aspectos configuram-no como uma das fontes do romance polifônico de Dostoiévski.

2) Aristóteles enfatiza reiteradamente que a epopeia e a tragédia são imitações de “uma ação acabada e inteira” (ARISTÓTELES, 2005, p. 26), “completa” (ARISTÓTELES, 2005, p. 28), e, no que concerne à fabulação/fábula ou enredo, esses gêneros têm “início, meio e fim” (ARISTÓTELES, 2005, p. 45). Essa ênfase aristotélica vai ao encontro da interpretação por M. Bakhtin da epopeia como uma conclusão [завершённость] ou acabamento da realidade. Já o romance, ao ter relação com a realidade inconclusa [незавершённость], define-se pelo caráter não conclusivo do enredo (1929, p. 100) e dos personagens, como forma artística de representação do que ele chama de “excedente de humanidade”.

Segundo Bakhtin, a poética do século XIX perdeu essa integralidade, e o romance convive mal com outros gêneros. Aqui ocorre uma luta entre os gêneros, a formação e o crescimento da ossatura (костяк)/arcabouço genérica/o da literatura. O pensador russo analisa que, no século XIX, o romance utiliza-se muito da estilização e da paródia dos gêneros canônicos e de si próprio (romance barroco, de cavalaria, pastoral sentimental etc.) - fenômenos (estilização e paródia) amplamente abordados por ele em “Problemas da obra de Dostoiévski” (1929) e “Problemas da poética de Dostoiévski” (2002[1963]) respectivamente como palavra bivocal unidirecionada e palavra bivocal multidirecionada – num processo contínuo de auto-crítica e questionamento de seus próprios cânones.

Nesse processo, os demais gêneros “dialogizam-se” (диалогизуются, БАКHTIN, 2012, p. 612) por meio do contato com o heterodiscurso, o riso, a ironia, o humor, a autoparodização e a contemporaneidade inacabada e em formação. Esses fenômenos demonstram o laço estreito com o texto “O discurso no romance” e a tese sobre Rabelais. Para Bakhtin, somente um gênero em formação é capaz de refletir a formação da própria realidade.

O contexto que favoreceu, segundo Bakhtin, essas particularidades foi a abertura do pensamento e da vida do ser humano europeu para a variedade de culturas, línguas (em estreita interação e que se “*interiluminam*” (BAKHTIN, 2019, p. 76) e tempos (presentem em processo sem começo nem fim). Bakhtin localiza as fontes dessas

particularidades no riso popular, no folclore e no estilo sem cerimônias desses gêneros, prontos a refletir a contemporaneidade, as linguagens populares, seu caráter ambivalente destruidor e renovador¹⁸. Para Bakhtin, o riso é o fator essencial de aproximação do gênero romance de uma percepção realista do mundo. Aqui lembramos a importância tanto do riso no romance de Rabelais, quanto do diálogo socrático no romance polifônico de Dostoiévski.

6 Conclusões

A exposição precedente dos fundamentos filosóficos, literários e linguísticos que orientam os escritos de M. Bakhtin - a começar por “Problemas da obra de Dostoiévski” nos anos 1920, passando pela teoria do romance e pela pesquisa da obra de François Rabelais nos anos 1930 e os textos sobre os gêneros do discurso dos anos 1950 e 1960 - nos conduziu aos seguintes princípios orientadores da teoria bakhtiniana dos gêneros:

1) a poética de Aristóteles e a estética de Georg Hegel estão entre os principais interlocutores de Bakhtin na sua formulação da teoria do romance e dos gêneros do discurso em geral: contra o pano de fundo da poética de Aristóteles - que traz o fundamento inabalável dos gêneros literários concluídos (sobretudo epopeia e tragédia) e exclui os diálogos socráticos -, e da estética de Georg Hegel - que propõe o distanciamento da linguagem poética dos demais âmbitos do espírito (religião, ciência e demais âmbitos prosaico) e a poesia épica como “uma intuição total de todo o espírito do povo” (HEGEL, 2014b[1842], p. 92) a respeito dos primeiros períodos da vida nacional -, Bakhtin concebe que o romance desestabiliza a unidade dessas “poéticas” ao desenvolver-se na continuidade em relação ao diálogo socrático, na proximidade com a linguagem popular que tudo rebaixa e renova e na abordagem do aqui e do agora em seu movimento inconcluso, não podendo, portanto, chegar a uma intuição total;

¹⁸ O caráter ambivalente da morte também está presente no volume II dos “Cursos de estética” (2014a [1842]) de Hegel: “os funerais da morte do deus, os lamentos incessantes da perda, a qual também é novamente restituída pelo reencontro, pelo ressurgimento, pela renovação, de modo que podem se seguir também festas de alegria. Este significado universal tem então novamente o seu sentido natural mais determinado. Esse significado perde no inverno a sua força, mas na primavera ela a ganha, e com ela a natureza ganha de novo seu rejuvenescimento, morre e renasce” (p. 77)

2) o riso e o humor são princípios orientadores do gênero romance que não permitem a estabilização, mas promovem a sua autocrítica, renovação e constante instabilidade;

3) o riso medieval, o plurilinguismo e o heterodiscurso característicos do surgimento das línguas europeias modernas prepararam o romance da Idade Moderna;

4) no romance, o objeto de representação é a subjetividade do ser humano, que cessa de coincidir consigo próprio (destino e posição social), pois há sempre um excedente de humanidade que escapa dessas posições, há sempre potencialidades não realizadas; o interior e o exterior do ser humano, o ser humano para si mesmo e aos olhos dos outros, não coincidem; o ser humano adquire no romance iniciativa ideológica e linguística (os personagens do romance são ideólogos).

Mikhail Bakhtin situa o romance e a representação da palavra nele em um momento de mudanças e crises nas línguas europeias e na vida discursiva dos povos, ao mesmo tempo que esse gênero desestabiliza os sistemas poéticos estabelecidos. A teoria dos gêneros de Bakhtin desenvolve-se em um diálogo tenso entre o passado literário concluso e a contemporaneidade extraliterária e literária em crise e formação.

Em especial a partir dos anos 1990, temos vivido um momento de mudanças profundas na humanidade, ocasionado, entre outros fatores, pelo surgimento e desenvolvimento das tecnologias digitais e da internet, que provocaram uma transformação e uma renovação dos gêneros tipicamente impressos, bem como o surgimento de outros. Com a pandemia da Covid-19 em 2020, essas mudanças adquiriram um status de crise aguda com consequências para a compreensão do ser humano, de suas inter-relações sociais e dos gêneros do discurso, mudanças, cujos traços e orientações estamos no momento apenas vislumbrando. O fato de M. Bakhtin refletir sobre um gênero (romance), sobre autores (Dostoiévski, Rabelais) e sobre épocas (Renascimento, século de ouro da literatura russa-séc. XIX) marcados por profundas mudanças na visão do ser humano, da linguagem, da sociedade pode explicar a razão de ele ser, na contemporaneidade, o autor russo das ciências humanas¹⁹ mais lido e traduzido no mundo.

¹⁹ “Entre os cientistas russos em ciências humanas não há talvez ninguém tão conhecido mundialmente que possa concorrer com Mikhail Bakhtin (1895-1975)” [«Среди

Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. 8. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Tradução J. Bruna. Introdução R. de O. Brandão. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.] *Проблемы творчества Достоевского* [*Problemas da obra de Dostoiévski*]. Ленинград: Прибой, 1929.

БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.]. *Проблемы поэтики Достоевского*. В: М. М. Бахтин *Собрание Сочинений* [*Problemas da poética de Dostoiévski. In: M.M. Bakhtin obras reunidas*]. Т. 6. Москва: Русские Словари /Языки Славянской Культуры, 2002[1963]. [Organizadores. S. G. Botcharov, V. V. Kójinov).

БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.], *М. М. Бахтин. Собрание сочинений. Т. 4(2)*. Творчество Франсуа Франсуа Рабле и народная культура Средневековья и Ренессанса (1965 г.). Рабле и Гоголь. Искусство слова и народная смеховая культура (1940, 1970 гг.). Комментарии и приложения. [М. М. ВАКНТИН. *Obras reunidas vol. 4(2)*. A criação de François Rabelais e a cultura popular na Idade Média e no Renascimento (1965). Rabelais e Gógol. A arte da palavra e a cultura cômica popular (1940, 1970). Comentários e anexos]. Москва: Языки Славянских Культур, 2010.

БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.] *М. М. Бахтин: собрание сочинений т. 3. Теория романа (1930-1961 гг.)* [*M. M. Bakhtin: obras reunidas vol. 3. A teoria do romance (1930-1961)*]. Редакторы тома С. Г. Бочаров и В. В. Кожинов. Москва: Языки Славянских культур, 2012а.

БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.] Из предыстории романного слова [*Sobre a pré-histórica do discurso/palavra romanesco/a*]. In: БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.] *М. М. Бахтин: собрание сочинений т. 3. Теория романа (1930-1961 гг.)* [*M. M. Bakhtin: obras reunidas vol. 3. A teoria do romance (1930-1961)*]. Редакторы тома С.

русских ученых-гуманитарев нет, пожалуй, никого, кто мог бы конкурировать с Михаилом Бахтиным (1895-1975) по части общемировой известности»]. (KOROVACHKO, 2017, p. 453)

Г. Бочаров и В. В. Кожин. Москва: Языки Славянских культур, 2012b. p. 513-553.

БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.] Тезисы к докладу М. М. Бахтина «Роман, как литературный жанр» [Teses à apresentação de M. M. Bakhtin “O romance como gênero literário”]. In: БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.] *М. М. Бахтин: собрание сочинений т. 3. Теория романа (1930-1961 гг.)* [*M. M. Bakhtin: obras reunidas vol. 3. A teoria do romance (1930-1961)*]. Редакторы тома С. Г. Бочаров и В. В. Кожин. Москва: Языки Славянских культур, 2012с. p. 644-645.

БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.] Приложение. Заключительное слово М. М. Бахтина на обсуждении доклада «Роман, как литературный жанр» 24 марта 1941 [Palavras finais de M. M. Bakhtin no debate da apresentação “O romance como gênero literário” 24 de março de 1941]. In: БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.] *М. М. Бахтин: собрание сочинений т. 3. Теория романа (1930-1961 гг.)* [*M. M. Bakhtin: obras reunidas vol. 3. A teoria do romance (1930-1961)*]. Редакторы тома С. Г. Бочаров и В. В. Кожин. Москва: Языки Славянских культур, 2012d. p. 646-654.

БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.]. Роман, как литературный жанр [O romance como gênero literário]. In: БАХТИН, М. М. [ВАКНТИН, М. М.] *М. М. Бахтин: собрание сочинений т. 3. Теория романа (1930-1961 гг.)* [*M. M. Bakhtin: obras reunidas vol. 3. A teoria do romance (1930-1961)*]. Редакторы тома С. Г. Бочаров и В. В. Кожин. Москва: Языки Славянских культур, 2012е. p. 608-643.

ВАКНТИН, М. Epos e romance (Sobre a metodologia de estudo do romance). In: ВАКНТИН, М. *Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)*. Trad. A. F. Bernadini et al. 3. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1993. p. 397-428.

ВАКНТИН, М. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. Ed. Tradução, notas e prefácio P. Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010 [1963].

ВАКНТИН, М. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad., pref., notas e glossário P. Bezerra; org. da ed. russa Serguei Botcharov e V. Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

ВАКНТИН, М. *Teoria do romance III: o romance como gênero literário*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2019.

BEZERRA, P. O fechamento de um grande ciclo teórico. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance III: o romance como gênero literário*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 113-133.

DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias do subsolo*. Trad., prefácio e notas Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.

DOSTOIÉVSKI, F. *O duplo*. Trad. N. Guerra e Filipe Guerra. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2008.

HEGEL, G. W. F. *Cursos de estética I*. Trad. M. A. Werle. 2. ed. e 1. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2015[1842].

HEGEL, G. W. F. *Cursos de estética II*. Trad. M. A. Werle e O. Tolle. 1. ed. e 1 reimpr. São Paulo: EDUSP, 2014a[1842].

HEGEL, G. W. F. *Cursos de estética IV*. Trad. M. A. Werle e O. Tolle. 1. ed. e 1 reimpr. São Paulo: EDUSP, 2014b[1842].

КОРОВАШКО, А. В [KOROVÁCHKO, A. V.]. *Михаил Бахтин [Mikhail Bakhtin]*. Moscou: Молодая Гвардия, 2017.

MEDVIÉDEV, P. *O método formal nos estudos literários*. Introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. E. V. Américo e S. C. Grillo. São Paulo: Contexto, 2012[1928].

ПАНЬКОВ[PANKOV], Н. А. *Вопросы биографии и научного творчества М. М. Бахтина* [Questões da biografia e da obra científica de M. M. Bakhtin]. Москва: МГУ, 2010.

ПОПОВА, И. Л. [ПОРОВА] *Комментарии*. В: БАХТИН [BAKHTIN], М. М. *Собрание сочинений*. Т. 4(1). Франсуа Рабле в истории реализма (1940 г.). Материалы к книге о Рабле (1930-1950-е гг.). Комментарии и приложения. [*Obras reunidas vol. 4(1)*. François Rabelais na história do realismo (1940). Materiais para o livro sobre Rabelais (anos 1930-1950). Comentários e anexos]. Москва: Языки Славянских Культур, 2008. p. 831-924.

ПОПОВА, И. Л. [ПОРОВА]. *Книга М. М. Бахтина о Франсуа Рабле и её значение для теории литературы* [O livro de M. M. Bakhtin sobre François Rabelais e sua importância para a teoria da literatura]. Москва: ИМЛИ РАН, 2009.

ПОПОВА, И. Л. [ПОРОВА] *Комментарии*. В: БАХТИН [BAKHTIN], М. М. *Собрание сочинений*. Т. 4(2). Творчество Франсуа Франсуа Рабле и народная культура Средневековья и Ренессанса (1965 г.). Рабле и Гоголь. Искусство слова и народная смеховая культура (1940,

1970 гг.). Comentários e anexos. [*Obras reunidas vol. 4(2)*]. A criação de François Rabelais e a cultura popular na Idade Média e no Renascimento (1965). Rabelais e Gógol. A arte da palavra e a cultura cômica popular (1940, 1970). Comentários e anexos]. Москва: Языки Славянских Культур, 2010. p. 523-696.

PÚCHKIN, A. *Eugênio Onéguin*. Trad. A. C. de Franca Neto e E. Vássina. Cotia: Ateliê, 2019[1825-1832].

ТАМАРЧЕНКО, Н. Д. [TAMÁRTCHENKO, N. D.] Проблема рода и жанра в поэтике Гегеля [O problema do tipo e do gênero na poética de Hegel]. В: БОЧАРОВ, С. Г. и другие. *Теория литературы Том III*. Роды и жанры (Основные проблемы в историческом освещении) [BOTCHARÓV, S. G. et. al. *A teoria da literatura Vol. III*. Tipos e gêneros (Problemas fundamentais em perspectiva histórica)]. Москва: ИМЛИ РАН, 2003. p. 33-64.

VOLOCHINOV, V. N. (CÍRCULO DE BAKHTIN). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad., notas e glossário S Grillo e E. V. Américo. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021[1929].

VOLOCHINOV, V. N. (CÍRCULO DE BAKHTIN). A palavra na vida e a palavra na poesia. In: VOLOCHINOV, V. N. (CÍRCULO DE BAKHTIN). *A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Org., trad., ensaio introdutório e notas de S. Grillo e E. V. Américo. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 109-146.